

**O USO DO MODO INDICATIVO E MODO SUBJUNTIVO
NAS ORAÇÕES RELATIVAS EM LATIM**

Sabrina Anacleto Teixeira (UFJF)
sat.30@hotmail.com

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)
luclica@acessa.com

Pretende-se, neste trabalho, demonstrar que algumas orações relativas em Latim não apenas funcionam como adjetivo, determinando ou qualificando o seu antecedente, mas que podem desempenhar outras funções, normalmente desempenhadas pelas orações adverbiais. Como essas orações apresentam uma relação mais intrínseca com a oração matriz, regem o modo subjuntivo, que, por sua vez, é o modo por excelência da subordinação. Pretende-se também demonstrar que as orações relativas adverbiais permaneceram em Português. Mas, como o modo subjuntivo não é mais índice de subordinação, essas orações não se constroem, de modo geral, com o modo subjuntivo.

Os exemplos de orações relativas do Latim foram retirados dos seguintes textos: *De Deo Socratis* de Apuleio, *Pro Lucio Flacco* de Cícero, *De Dogmate Platonis Liber Primus* de Apuleio e *Pro Roscio Comoedo* de Cícero.

Primeiramente, cabe expor algumas considerações a respeito do emprego dos modos nas orações em Latim. O modo indicativo, segundo Faria (1958, p. 375), “é por excelência o modo da realidade, empregado em frases afirmativas, como também interrogativas ou negativas”. Esse modo constitui, geralmente, as orações principais, no entanto é empregado em algumas orações subordinadas, como as relativas. Por sua vez, o modo subjuntivo nas orações principais pode referir-se a uma possibilidade e incerteza, além de exprimir desejo, ordem, concessão. Todavia, o subjuntivo é, sobretudo, empregado nas orações subordinadas, tornando-se, por assim dizer, um verdadeiro índice de subordinação.

As orações relativas, segundo a tradição gramatical, têm o valor de adjetivo e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente. A oração adjetiva em Latim pode

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ser introduzida pelos pronomes relativos como *qui, quae, quod* e *quicumque* ou pelos advérbios relativos, a saber, *ubi, quo, unde*. O pronome relativo concorda com o antecedente em gênero e número, mas nem sempre em caso, uma vez que possui uma função distinta na oração a qual pertence. Como pode-se observar no exemplo retirado em *De Deo Socratis*, I, de Apuleio:

Summum, medium et infimum fac intellegas non modo loci disclusionem uerum etiam naturae dignitate, quae et ipsa neque uno neque gemino modo sed pluribus cernitur.

Que o Deus alto, médio e baixo faça entender não apenas pela separação do lugar, mas também pela dignidade da natureza, a qual, por sua vez, não se reconhece com uma ou duas qualidades, mas se reconhece com grande número.

Neste fragmento, a oração relativa funciona como adjetivo e apenas determina o sintagma nominal *naturae dignitate*. O pronome relativo *quae* concorda em gênero e número (feminino, singular) com o antecedente e apresenta o caso (nominativo) correspondente ao papel que desempenha na oração (sujeito).

Como já foi dito, o modo subjuntivo, além de ser o modo da irrealidade e da potencialidade, era marca de subordinação oracional. Deste modo, as orações completivas, designadas substantivas pela gramática tradicional, por completar a oração matriz, funcionando como sujeito, complemento do verbo, complemento nominal, predicativo, possuem, por assim dizer, um índice maior de subordinação ou de dependência, o que faz com que o verbo dessas orações se encontrem somente no modo subjuntivo. Por outro lado, algumas orações relativas, como também algumas orações adverbiais, que não são o assunto desse trabalho, apresentam uma alternância entre o emprego do modo indicativo e do modo subjuntivo.

A oração adjetiva, propriamente dita, como ficou estabelecido, é empregada, preferencialmente, para explicar, qualificar ou determinar um antecedente, equivalendo a uma oração independente. Assim, segundo Faria (1958, p. 453), a oração relativa “apresenta um tipo fraco de subordinação”, o que explica construir-se com o modo indicativo, que é o modo empregado nas orações independentes. Como observa-se em *De Deo Socratis*, I, de Apuleio:

Nam proinde ut maiestas postulabat, diis immortalibus caelum dicauit, quos quidem deos caelites partim uisu usurpamus, /alios intellec-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tu uestigamus.

Assim, como a majestade ordenou, o céu ofereceu [a disposição] aos deuses imortais, alguns dos quais usurpamos em parte pelo sonho e alguns que buscamos pelo entendimento.

Neste exemplo, os verbos da oração relativa *usurpamus e uestigamus* encontram-se no presente do indicativo, uma vez que a oração adjetiva somente determina o seu antecedente.

Entretanto, as orações relativas em Latim podem desempenhar outras funções, normalmente desempenhadas pelas orações adverbiais, a saber, podem exprimir uma ideia de finalidade, de causa, de consequência, de concessão ou de condição. Tendo em vista que as orações adverbiais, de modo geral, se constroem com o modo subjuntivo, as orações relativas adverbiais também levam o verbo para o modo subjuntivo.

Segundo Fernandez e Rolan (1985, p. 183),

As orações relativas com subjuntivo têm uma dupla perspectiva: seu elemento relativo remete por um lado, graças a sua concordância em gênero e número, a um elemento da oração principal, mas em segundo lugar, por seu modo verbal, se direciona ao verbo da oração principal e, assim, se subordina realmente a toda a oração principal. (Tradução nossa)

Logo, o modo subjuntivo expressa uma relação gramatical, ele explicita as relações de subordinação entre as orações, contudo cumpre ressaltar que o emprego do subjuntivo também nas orações relativas dependia em parte do próprio sentido do enunciado, segundo exprimissem um fato real, potencial ou irreal.

Parte-se agora para a exemplificação de cada tipo de oração relativa adverbial. Como oração relativa final tem-se em *Pro Lucio Flacco* de Cícero, 10:

Nihil dixit **quod laederet eum**, cum cuperet.

Não disse nada **que lhe prejudicasse** (não disse nada para que lhe prejudicasse), como desejaria.

Nesse trecho, o emprego do subjuntivo faz com que a oração relativa tenha duas funções: a primeira é determinar o antecedente *nihil* através do pronome relativo *quod*, que concorda com o referido antecedente em gênero (neutro) e número (singular); a segunda é marcar uma relação de finalidade com a oração principal, pois o que

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

foi dito não foi para prejudicar Lúcio Flacco. Essa relação de subordinação é explicitada quando o verbo da relativa é levado para o imperfeito do subjuntivo (*laederet*).

Em *Pro Cneu Plancio*, 46, de Cícero pode-se observar um exemplo de oração relativa condicional:

Hanc tu rationem cum fugeris cumque eos iudices habere nolueris **quorum in huius delicto cum scientia certissima, tum dolor grauissimus esse debuerit**, quid apud hos dices qui abs te taciti requirunt cur sibi hoc oneris imposueris, / cur se potissimum delegeris, / cur denique se diuinare malueris / quam eos qui scirent iudicare?

Mas, quando recusaste este partido, quando não queres ter como juizes os homens que deveriam estar mais certamente a par das ações culpadas de Plâncio, e sobretudo sentir dele o ressentimento mais profundo, que dirás tu diante de tais homens, e que te perguntam silenciosamente por que tu lhes impuseste essa carga, por que tu os escolheste entre todos, por que enfim preferiste que eles tenham que decidir segundo conjecturas em vez de chamar ao julgamento homens que estavam a par de tudo.

O emprego do subjuntivo na oração relativa permite que a relação de condição entre as orações seja mais intrínseca. Observa-se, então, que a condição para que os homens se constituíssem juizes era que estivesse a par das ações culpadas de Plâncio. Todavia, cabe lembrar que a oração relativa condicional é a única que pode levar o verbo para o indicativo, já que a oração condicional também apresenta a alternância entre o uso do indicativo e do subjuntivo. A alternância entre o uso do modo indicativo e do modo subjuntivo nas orações condicionais está relacionada com sentido do enunciado, caso o mesmo expresse um fato real, irreal ou potencial, sendo os dois últimos representados pelo modo subjuntivo.

Um exemplo de oração relativa causal pode ser observado em *Pro Roscio Comoedo* de Cícero, 11:

Ille tamen confitetur plus se petere quam debeat, sed satis superque habere dicit [id] **quod sibi ab arbitro tribuatur**.

Aquele (o requerente) confessa que reivindica mais do que lhe seja devido, mas declara possuir mais e suficiente, o que lhe seria atribuído pelo árbitro.

O presente do subjuntivo (*tribuatur*) explicita a relação de causa existente entre as duas orações, se o verbo estivesse no indica-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tivo a relação de causa permanecer, porém de modo implícito.

Como exemplo de oração relativa concessiva, tem-se um fragmento do texto de *Pro Lúcio Flacco*, I, de Cícero:

Quod (pr. interrogativo adjetivo) enim esset praemium dignitatis **quod populus Romanus**, cum huius maioribus semper detulisset, **huic denegaret**, cum L. Flaccus ueterem Ualerae gentis in liberanda patria laudem prope quingentesimo anno rei publicae rettulisset?

Poderia haver, com efeito, uma recompensa de mérito, que o povo romano lhe renegasse, uma vez que essa sempre se revelou aos seus ancestrais e porque, libertando a pátria, L. Flacco renovou, em quase cinco séculos de intervalo, para a salvação do estado, a glória que outrora a família Valéria tinha adquirido.

O modo subjuntivo nessa oração expressa de modo direto uma oposição entre os ancestrais de Lúcio Flacco e ele próprio, que ao contrário dos seus antepassados não recebeu as recompensas de seu mérito.

Uma oração relativa consecutiva pode ser observada em um fragmento retirado de *Pro Roscio Comoedo*, II:

Nam quem ad modum turpe est [id] **scribere quod non debeat**, sic improbum est **non referre quod debeat**.

Segundo esse modo, é torpe, **aquilo que não se deva escrever**, também é ímprobo, **aquilo a que não devas se referir**.

Nesse caso, o presente do subjuntivo em *debeat* e em *debeas* permite que a oração relativa não apenas determine o antecedente *id*, oculto, mas também permite que se estabeleça uma relação de causa/consequência com a oração principal.

Segundo Kury (2007, p. 82), como herança da sintaxe latina em várias línguas românicas, dentre elas o Português, as orações relativas além do seu valor qualitativo ou atributivo, podem simultaneamente exprimir, embora com menos nitidez circunstâncias de causa, concessão, condição, consequência e fim. Os exemplos foram retirados também de Kury (2007, p. 82).

Oração relativa com valor de:

Causa: “Henriette, *que era muito branco*, devia atrair Heráclito, mestiço”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Concessão: “Eu, *que disse mal das vaidades*, vim a cair na de ser autor”. (Matias Aires, apud Barleta de Morais, Contr.,24)

Condição: “Eu *que digo isso* é porque sei o que V.Ex. é para Jorge”. (Camilo, apud id.,ibid.)

Consequência: “Ele distribuía palmatoadas com uma agilidade *que não se esperava de sua corpulência*”.

Fim: “Tem você alguma coisa que eu leia?” (Eça, apud id., ibid., 24)

Observa-se que as orações reativas adverbiais permaneceram em Português, porém essas orações não regem apenas o subjuntivo, pois podem apresentar o modo indicativo ou subjuntivo. No Latim, o emprego o modo subjuntivo estava relacionado com o sentido do enunciado, se expressasse um fato irreal ou potencial, mas também o modo subjuntivo regia as orações subordinadas.

Em Português, as orações subordinadas não empregam obrigatoriamente o modo subjuntivo. Segundo Bechara (2006, p. 280), “o modo subjuntivo ocorre nas orações subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar”. Usa-se, segundo Bechara (2006, p. 281), “o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem fim, por exemplo, ‘ando à cata de um criado que seja econômico e fiel’ ; consequência, precedida de preposição, como em “daqui levarás tudo tão sobejo com que faças o fim a teu desejo”; ou uma conjectura e não uma realidade, a saber “o cidadão que ame sua pátria engrandece-a”.

Assim, pode-se dizer que em Latim o modo subjuntivo além de exprimir incerteza, dúvida, possibilidade, era, por excelência o modo da subordinação. Fato que explica seu emprego na maioria das orações subordinadas, além disso, explica a alternância dos modos nas orações relativas, uma vez que as adverbiais apresentam um índice menor de subordinação. Por outro lado, em Português o emprego do modo subjuntivo está relacionado apenas ao sentido do enunciado, se o mesmo expressa um fato irreal, duvidoso ou potencial.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹³

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

APULEIO, L. *Opusculs philosophiques*. Du dieu de Socrate, Platon et sa doctrine, Du monde, Fragments. Texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu. Paris: Les Belles-Lettres, 2002.

CÍCERO, M. T. *Discours*. Tome I: Pour P. Quinctius, Pour Sex. Roscius d'Amérie, Pour Q. Roscius le comédien. Texte établi et traduit par H. de la Ville de Mirmont. Paris: Lês Belles-Lettres, 1973.

———. *Discours*. Tome XII. Pour le poète Archias. Texte établi et traduit par Félix Gaffiot. Pour L. Flaccus. Texte établi et traduit par André Boulanger. Paris: Les Belles-Lettres, 1989.

———. *Discours*. Tome XVI – 2e partie. Pour Cn. Plancius. Pour M. Aemilius Scaurus. Texte établi et traduit par Pierre Grimal. Paris: Les Belles-Lettres, 1976.

De deo Socratis:

<http://www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.deosocratis.shtml>

De Platone et eius dogmate, Liber primus:

<http://www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.dog1.shtml>

De Platone et eius dogmate, Liber secundus:

<http://www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.dog2.shtml>

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERNANDEZ, L. R. e ROLAN, T. G. *Nueva gramatica latina*. Madrid: Colóquio, 1985.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2007.

LIPPARINI, G. *Sintaxe latina*. Tradução e adaptação de Pe. Alírio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1976.

¹³ Ao referenciar as citações dos textos latinos, preferimos adotar o sistema de numeração que as edições críticas da Belles-Lettres, bem como os textos digitais da "Biblioteca Latina" (www.thelatinlibrary.com).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Pro Flacco: <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/flacco.shtml>

Pro Plancio: <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/flacco.shtml>

Pro Roscio Comoedo:

<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/rosccom.shtml>